



CARTAS DO PAI NATAL

ÉRICO VERÍSSIMO

Nenhum escritor pode criar do nada. Mesmo quando ele não sabe, está usando experiências vividas, lidas ou ouvidas, e até mesmo pressentidas por uma espécie de sexto sentido.

O tema Natal sempre esteve presente na literatura universal de alguma forma. Talvez sua expressão mais famosa seja a que encontramos no gênero conto, e aqui muitos poderão lembrar-se de que pelo menos uma vez ouvir falar em “conto de Natal”.

Mas o tema natalino não se limita somente ao “conto”, como por exemplo o que hoje trago aqui, uma coletânea de cartas familiares, cartas escritas por um pai a seus filhos imbuídas do espírito natalino, utilizando-se de um dos personagens mais lembrados desta data, o Papai Noel.

J.R.R. Tolkien manteve em seus filhos a magia do bom velhinho através de cartas que estes recebiam do Pai Natal, e estas não somente lembrando da necessidade de manter-se em boa conduta durante o ano a fim de ganharem presentes de Natal, mas também relatando a vida e as desventuras deste simpático velhinho no Pólo Norte.

As Cartas do Pai Natal fazem-me lembrar o quanto o imaginário infantil nunca deixou a vida de Tolkien mesmo depois de velho e com seus filhos, o que nos faz admirar ainda mais este escritor por toda a grandiosidade de sua obra. A simplicidade que observamos nestas cartas endereçadas a seus

filhos por ocasião dos natais, nos fazem perceber a necessidade de colocar no papel toda a produtividade de sua imaginação, que estava focada em encontrar atalhos na fantasia para uma reflexão profunda da vida humana, que sem a ferramenta da imaginação é fria e insuportável.

Talvez não se possa fazer uma análise profunda do conteúdo destas car-

tas, mas acredito que se possa considerar o empenho de um escritor em encontrar em um personagem tradicional, que não fora ele quem o criou, uma ferramenta necessária e adequada para auxiliar na formação de seus filhos. Antes de transformar o contato de crianças com a figura do Papai Noel em uma ferramenta moralizante, o contato com esta figura passa por aquela lacuna que a men-

te humana parece necessitar preencher, de fantasia, lúdico e extraordinário. E o extraordinário precisa ser extraordinário mesmo, para que possa ser especial, fantástico, como o fato de receber pelo Correio uma carta do Pai Natal.



O Leitor



NESTA EDIÇÃO

Cartas do Pai Natal	1
Editorial	2
Os responsáveis pela Língua Portuguesa	2
Uma rena, um guizo	3
Nossa Gramática	3
A Noite de Natal de Veríssimo	4



EDITORIAL

Parece difícil não falar de Natal no mês de dezembro, um tema que aparentemente se impõe quando lembramos que estamos finalizando mais um ano no calendário civil. Este tema de natal possui algumas características próprias que não permitem o simples menosprezo pelo tema, como por exemplo a evidente apelação à caridade humana, além da afetiva sintonia com a relação familiar. Por isso, mesmo que tentemos fugir do tema natalino no mês de dezembro, o ambiente ao nosso redor nos força a falar dele e de tratar sobre ele de alguma forma.

Na literatura o tema sempre aparece em diversos gê-

neros literários e em diversas circunstâncias. É bem conhecido o gênero de contos que se encaixam perfeitamente na finalidade de trazer uma história não muito longa mas que carregue, no desenrolar dos fatos, certa mensagem de fraternidade, moralidade e evolução humana e espiritual. Por isso, os contos natalinos são sempre destaques neste período do ano.

Aproveito para manifestar a todos os leitores, os meus e os de toda a Equipe do O Leitor os votos de um feliz Natal e de boas festas de fim de ano.

Feliz 2024

OS RESPONSÁVEIS PELA LÍNGUA PORTUGUESA

Hoje aproveito este espaço no informativo O Leitor para tecer um comentário sobre como a língua portuguesa está sendo tratada pelos próprios brasileiros, nas diversas camadas da sociedade.

Primeiramente, é sensato pontuar que sempre existiu uma força política em uma nação que tende a guiar o rumo das decisões que tocam a gramática oficial de cada país, e assim é também no Brasil. Os ministérios e secretarias que se envolvem no assunto da língua portuguesa muitas vezes acabam por tratá-la como objeto de uso pessoal, como escudo contra o que individualmente não lhes apetece e também muitas vezes, usam a gramática como instrumento de propaganda ideológica. Peço que se perceba a neutralidade política nesta questão, é de fundamental importância, pois compromete a própria reflexão pessoal sobre o assunto.

Sempre parece mais fácil responsabilizar a esfera política por decisões que possam nos parecer exageradas e infiéis ao canônico na gramática, mas não podemos nos prender somente a esta esfera quando se trata de identificar o que fere nossa língua mãe, pois, entendendo a língua como organismo vivo, também devemos entendê-la como desenvolvida e vivificada pelos falantes, ou seja, pelo próprio povo. Óbvio que o povo em sua maioria, somente irá entender o valor real da preservação e desenvolvimento da língua recebendo a educação básica adequada que nos remete ao serviço dos políticos, que são os que governam as estruturas que deveriam oferecer educação sólida e de qualidade indiscutível.

“deve-se estender ou ‘esticar’ a parte que cabe ao povo, aos nativos desta língua, pois são deles a natural responsabilidade”

Parece-nos um círculo, na qual vemos terminar a responsabilidade de um, e começar a do outro, mas na verdade penso que, mesmo entendendo como círculo este movimento de cuidado com a língua portuguesa, deve-se estender ou “esticar” a parte que cabe ao povo, aos nativos desta língua, pois são deles a natural responsabilidade por alimentar valor ao que se fala e ao que se utiliza de símbolos para expressar-se em nossa língua. E basta-nos pensar nos pais e nas mães e suas manifestações comunicativas com seus filhos que iremos começar a entender que qualquer atitude política não poderá alterar a riqueza de uma língua na qual possui o povo falante totalmente consciente do valor que ela carrega em cada vocábulo.

Nos tempos atuais, percebemos uma horrenda vocalização da língua por parte das últimas gerações, efeito de uma educação negligente e insuficiente, mesmo que com razoável empenho de alguns educadores. A falta de estímulo pela preservação e descobrimento da gramática oficial também é notável neste tempo contemporâneo. Isto lamentavelmente afeta o desenvolvimento social e cognitivo dos indivíduos, pois se existe um idioma estruturado e articulado é por que foi fruto de um desenvolvimento humano.



UMA RENA, UM GUIZO

Não faço aquele tipo de menino pobre e de família sofrida, que vive para sobreviver a todas as dificuldades que se apresentam neste mundo guiado pelo dinheiro. Tampouco sou aquele menino de família rica e avarenta, que no Natal mereceria receber uma lição do “espírito natalino”. Na verdade, sou bem normal, estando enquadrado nas normas morais e também religiosas que quase vivo sem ser percebido, vivo como um ponto imerso na multidão de iguais.

Regras morais e virtudes religiosas, sempre foram os guias de minha família, tanto de meu pai como de minha mãe. Hoje seria aquele filho de que todos teriam orgulho, não por fazer algo excepcional, notável, mas por simplesmente não ser “anormal”, não ser criminoso, nem pervertido, mesmo não sendo um santo nos moldes religiosos. E isto que para muitos é tranquilizador e aceitável, para mim tornou-se um tormento, e tudo por causa do Natal.

Todos devem conhecer o inconfundível tilintar dos guizos que penduram-se aos pescoços das renas que puxam o trenó do Papai Noel. Pois é este som que tornou-se in-

quietante em minha mente, o que começou num dia de muito sol e grande calor, em que refugiava-me no interior de um Shopping por causa do ar-condicionado. Ali uma das lojas já enfeitadas para o Natal tinha montado uma réplica de uma cena natalina onde aparecia o Pa-



pai Noel subindo no trenó que era puxado por quatro renas e estas com seus guizos que tilintavam através de um mecanismo automatizado. Como queria descansar da caminhada feita ao sol, fiquei sentado em um banco próximo destas renas. Permaneci ali por uns longos

dez minutos, e foi justamente neste período que senti o que nunca imaginaria sentir: Senti uma real presença de alguém a bafejar próximo a minha nuca, e tenho certeza de que não fora uma lufada perdida do ar-condicionado do Shopping.

Apesar da loucura aparente desta “sensação”, é importante acrescentar que não foi somente o bafejar de uma rena que senti em minha nuca, mas um ímpar e claríssimo tilintar de um guizo, como aquele tilintar da rena a aproximar-se de mim. Se podemos facilmente nos enganar com lufadas de vento, como se enganar com claríssimos sons próximo de nossos ouvidos? Não sei se deixo clara a cena, mas estes segundos desta experiência perturbam-me a cada natal, pois basta-me que ouça qualquer som semelhante àquele guizo que vêm a certeza de que estive bem próximo do real que diz-se fantasia.

Desde então, não me vejo mais imerso numa multidão de iguais.

Adeodato A de Souza

G Nossa Gramática PAROXÍTONAS

As palavras paroxítonas são aquelas em que a penúltima sílaba é tônica. A sílaba tônica é a pronunciada com mais intensidade.

Exemplos:

geleia (ge-lei-a)

tênis (tê-nis)

vírus (ví-rus)

Além das paroxítonas, as palavras também podem ser: oxítonas (quando a última sílaba é tônica, como jacaré) e proparoxítona (quando a antepenúltima sílaba é tônica, como básico).

Regras de acentuação das paroxítonas

São acentuadas as palavras paroxítonas que terminam em: r, x, n, l, ps, ã(s), ão(s), i, is, ei, eis, us, om, ons um, uns.

Paroxítonas terminadas em ditongo

Com o Novo Acordo Ortográfico, algumas palavras paroxítonas terminadas em ditongo deixaram de ser acentuadas.

Dúvidas frequentes sobre palavras paroxítonas e proparoxítonas

Em decorrência de erros de pronúncia, é comum confundir certas palavras paroxítonas com proparoxítonas. Por exemplo:

Certo	Errado
cartomancia	cartomancia
edito	edito
filantropo	filantropo
gratuito	gratuito
ibero	ibero

A NOITE DE NATAL DE VERÍSSIMO

O grande escritor gaúcho Érico Veríssimo escreveu em 1939 um conto de natal para a revista *O Cruzeiro*, intitulado “Noite de Natal em Porto Alegre”.

É fascinante como o tema natalino passa inevitavelmente pela mente criadora dos escritores, mesmo daqueles que possam se considerar céticos demais para escrever sobre Papai Noel, renas voadoras, gnomos e duendes. Não é o caso de Érico Veríssimo, mas considero curioso como um tema como este pode, ao mesmo tempo, suscitar tanta repulsa de alguns e mesmo assim ser tema de trabalho destes mesmos resistentes ao tema natalino. É que este tema faz parte da atividade humana, e toda a atividade humana acaba sendo fonte de trabalho para o escritor.

Tomamos em nossas mãos este conto de Veríssimo de tantos anos atrás, e lendo e pensando sobre ele percebemos a naturalidade que saltam na imaginação as manifestações humanas em forma de escrita, em forma de poema. Veríssimo neste pequeno texto acaba exaltando a imagem natalina, ao mesmo tempo que identifica alguns grupos sociais de seu tempo e como este tema os atinge de maneira visível, visível ao ponto de dois caminantes perceberem algumas características.

Embora o texto não seja muito extenso, e mantenha pequenas sessões de narração, gostaria de comentar mais profundamente um detalhe neste conto de Veríssimo.

Não somente Porto Alegre, cidade de Veríssimo, como quase todo o estado do Rio Grande do Sul foi colonizado por imigrantes alemães, italianos, portugueses e alguns de outras nacionalidades da Europa e da Ásia. É certo que as tradições vieram com estes, afinal tradição é a vida em movimento na memória das pessoas. Não deveria ser diferente

com cada grupo social que Veríssimo veria em seu conto, os descendentes de alemães, de judeus, de africanos e talvez outros. A tradição é marca visível do início ao fim, como aquele fio invisível que perpassa toda uma caótica estrutura viva que parece confundir-se cada vez mais. A tradição é uma espécie de plasma, uma espécie de alma, que dá sentido, significado e vida para os variados momentos da vida humana destes grupos étnicos e sociais. Por isso, a tradição, mesmo aquela que possa ser classificada como desdenhosa, e atrasada como a dos judeus no exemplo do conto de Veríssimo, por ainda esperarem o nascimento de Jesus, deve ser entendida com este movimento de vida e sentido que impulsiona os homens e mulheres para frente, para a continuarem seus anos, para não desistirem da vida que misteriosamente possuem.

Vejam que ricos ou pobres; alemães ou italianos; africanos ou judeus; crentes ou descrentes, todos possuem certa dependência desta coisa a qual chamamos de tradição, que nos faz repetir certas coisas sem mesmo entender muito bem o que é nem de onde surgiu.

O conto de Veríssimo é significativo deste comentário que deixo aqui, mas também sensível e articulada visão do escritor que,

em qualquer lugar, caminho entre ruas desconhecidas, acaba por encontrar o que significa através da escrita, através de sua imaginação fértil e produtiva. O Natal para Veríssimo, através deste conto, passa especialmente pela presença dos iguais, pela presença das pessoas, mesmo com tradições diferentes, mas que no fundo acabam por levar ao mesmo ponto de encontro eterno, e quem sabe ao mesmo ser eterno..

Valderi da Silva
valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:
VALMI
Projetos G. e C.
fb.com/valmi.projetos
Instagram.com/valmi.pgc



Organização:
Societas Libri
Sociedade de Literatura
twitter.com/LibriSocietas
Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:
oleitor.info@gmail.com
Ou faça a assinatura mensal pelo link
www.oleitor.info/assinatura